

NÍVEL SUPERIOR. 85% dos profissionais são egressos das salas da Universidade Federal de Alagoas

Braskem “importa” engenheiros

Falta de curso de graduação na área faz petroquímica buscar profissionais em outros Estados brasileiros

MAIKEL MARQUES
REPÓRTER

Responsável pela geração de riquezas que correspondem a 12% do Produto Interno Bruto (PIB) de Alagoas – este, na casa dos R\$ 21 bilhões – a petroquímica Braskem emprega 130 engenheiros. Destes, 85% são egressos das salas da Universidade Federal de Alagoas (Ufal).

Quando a indústria se chamava Salgema, acontecia o inverso. Quase nenhum engenheiro tinha conquistado seu diploma em Alagoas. “Eram quase todos da Bahia”, lembra Milton Pradines, diretor de Relações Institucionais da empresa em Alagoas.

A consolidação dos cursos de Engenharia Civil e Engenharia Química da Ufal – listados entre os melhores do Nordeste e do Brasil – contribuiu para que houvesse redução da dependência externa deste segmento profissional.

A gigante produtora de matéria-prima para plásticos diversos continua, no entanto, “importando”,

engenheiros mecânicos. Motivo: não havia, até o fim de 2012, curso algum de graduação neste setor.

A Faculdade Pitágoras, que funciona no Shopping Pátio Maceió, só graduará seus primeiros engenheiros mecânicos em 2018. Até lá, a indústria dependerá de profissionais formados em Recife, Salvador e Campina Grande.

“Temos engenheiro mecânico alagoano, mas formado na Paraíba”, comenta Milton Pradines, segundo o qual boa parte das 60 empresas da cadeia da química e do plástico em Alagoas sente a carência de mão de obra em alguns setores específicos.

BENEFÍCIOS

Para segurar seus engenheiros no Estado, constantemente assediados por empresas de todo o País, a empresa investe na concessão de benefícios e proporciona constantes cursos de qualificação, dentre os quais curso de mestrado em parceria com instituições federais.

O salário inicial de um



FOTOS: JOSÉ FEITOSA

Braskem: consolidação dos cursos de Engenharia Civil e Engenharia Química da Ufal reduziu dependência externa por esses profissionais

engenheiro (civil, químico ou mecânico) varia entre R\$ 5.000 e R\$ 6.000, mais participação anual nos lucros. Nas funções de nível técnico, as remunerações oscilam entre R\$ 3.000 e R\$ 3.500.

Somados às vantagens indiretas (alimentação, transporte e participação nos lucros), os valores são repassados aos profissionais que se submetem à requalificação ofertada pela empresa, financiadora

de cursos que podem durar até um ano.

Muitos destes treinamentos são realizados em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai). Considerados naturais, os processos de treinamento também beneficiam os 700 empregados diretos da maior indústria de Alagoas. Indiretamente, ela gera 2.000 empregos, nas unidades de Maceió e Marechal Deodoro.



Galileu Moraes Henrique: “Muitos amigos foram embora de Alagoas”

Galileu: “Comecei na menor das funções”

Técnico em Química formado pelo Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet), hoje Ifal, e engenheiro químico formado pela Ufal, Galileu Moraes Henrique, 31 anos, é exemplo de profissional que ainda não precisou deixar sua Alagoas para se aventurar noutras plagas.

Ingressou nas fileiras da Braskem como “operador industrial”, época em que era estagiário de Química e se preparava para prestar vestibular. “Comecei na menor das funções”, recorda. Quando concluiu a graduação, foi promovido a engenheiro de operação.

“Nesta época, minha missão era acompanhar as variáveis de produção, repassando orientações aos colaboradores”, explicou Galileu, que se orgulha de ter passado pelos diversos

setores da fábrica. “A vivência em outras funções facilita o relacionamento com os líderes”, diz.

CONQUISTA

Além de Galileu Moraes Henrique, outros 33 engenheiros químicos trabalham na Braskem, em Maceió. “25 deles se formaram da Ufal”, diz, sorridente, o profissional que conquistou o diploma na segunda turma de Engenharia Química da Ufal. Os outros oito engenheiros são de outros Estados.

“Muitos amigos foram embora de Alagoas. Não havia oportunidade para todos. Atualmente, o mercado está aquecido, favorável. É possível ficar, ter qualidade de vida e desfrutar de bom padrão financeiro”, explica o Galileu maceioense.

Além dos cursos de curta duração, Galileu Moraes se especializou em “otimização de custos” – ou “aumento de produtividade”, como faz questão de explicar –, em Processos Petroquímicos, pela Universidade de Campinas (Unicamp). O engenheiro também arranhou tempo para frequentar um curso de MBA (Master in Business Administration) em Gestão Empresarial.

Galileu não fala em valores exatos, mas admite que as constantes sondagens que recebeu de empresas concorrentes não lhe pareceram atrativas o suficiente para abandonar “a zona de conforto” de que desfruta em Maceió, onde nasceu e vive com sua família.

“Não cheguei ao limite da carreira. Quero continuar crescendo. Por enquanto, não sinto necessidade de deixar Alagoas”, avisa o engenheiro, que também prega a necessidade de maiores investimentos na formação de mão de obra técnica.

“A indústria química requer profissional altamente especializado. Como o mercado não disponibiliza, a gente investe em muitos cursos antes da contratação definitiva”. MM

Conforto

Galileu admite que as constantes sondagens que recebeu de empresas concorrentes não lhe pareceram atrativas o suficiente para abandonar “a zona de conforto”

Guia trará realidade da indústria em Alagoas

O Guia da Indústria que a Federação da Indústria de Alagoas (Fiea-AL) promete divulgar em março deste ano confirma a evolução de 32,78% no número de unidades industriais: 3.334 em 2006 e 4.538 em 2012.

O número de empregos ofertados no Estado também saltou de 73.000 para 94.562. A evolução, nestes seis anos, foi de 32,85%, segundo levantamento fornecido à Gazeta pela divisão sindical da entidade.

“A elevação de unidades reflete o crescimento da economia brasileira a partir de 2006, quando houve maior incentivo à indús-

de Alagoas, ele ratifica a recuperação da indústria local a partir de 2000. “Atualmente, a indústria representa apenas 24% do nosso PIB”.

NÚMEROS

Maceió tem 1.048 unidades industriais. Arapiraca, motor econômico do Agreste, tem 729. Limoeiro de Anadia (212), São Miguel dos Campos (175), Palmeira dos Índios (149) e São Sebastião (146) são os municípios mais “industrializados”. As maiores ofertas de emprego estão em Maceió (62.320), Arapiraca (7.006), São Miguel dos Campos (6.143), Rio Largo (5.331), Boca